

Concepções e diálogos parentais: explorando a educação sexual na infância

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.1.9129>

Ana Paula Simplicio de Lima¹, Jakson Luis Galdino Dourado²

Resumo: A educação sexual na infância é um tema de relevância crescente na sociedade contemporânea. Compreender as perspectivas e práticas dos pais em relação a esse assunto é fundamental para promover um ambiente saudável de aprendizado e desenvolvimento para as crianças. Neste contexto, o presente estudo de natureza qualitativo-descritiva investigou as perspectivas e práticas dos pais em relação à educação sexual na infância, com o objetivo de compreender suas percepções e orientações sobre o tema. Participaram da pesquisa 10 pais residentes em Belém/PB, sendo utilizados três instrumentos de coleta de dados: um formulário sociodemográfico, um questionário de entrevista e um diário de campo. A análise dos dados foi realizada por meio abordagem fenomenológica-empírica. Os resultados destacaram a relevância do diálogo sobre sexualidade desde a infância para o desenvolvimento de uma consciência crítica nas crianças, promovendo comportamentos respeitosos e seguros em relação ao próprio corpo e ao dos outros, além de prevenir situações de violência e abuso. Evidenciou-se a importância tanto da família quanto da escola nesse contexto, sugerindo uma contribuição significativa para o aprimoramento da educação sexual no ambiente familiar e escolar. Conclui-se que a promoção de discussões sobre sexualidade contribui para a formação de crianças mais saudáveis e preparadas para lidar com as questões relacionadas à sexualidade ao longo de suas vidas.

Palavras-chaves: Educação Sexual, Infância, Família.

Parental conceptions and dialogues: exploring sexual education in childhood

Abstract: Sexual education in childhood is a topic of growing relevance in contemporary society. Understanding parents' perspectives and practices in relation to this subject is fundamental to promoting a healthy learning and development environment for children. In this context, this qualitative-descriptive study investigated parents' perspectives and practices in relation to sex education in childhood, with the aim of understanding their perceptions and orientations on the subject. Ten parents living in Belém/PB took part in the study. Three data collection instruments were used: a sociodemographic form, an interview questionnaire and a field diary. The data was analyzed using a phenomenological-empirical approach. The results highlighted the importance of talking about sexuality from an early age in order to develop a critical awareness in children, promoting respectful and safe behavior in relation to their own bodies and those of others, as well as preventing situations of violence and abuse. The importance of both the family and the school in this context was highlighted, suggesting a significant contribution to improving sex education in the family and school environment. It is concluded that promoting discussions on sexuality contributes to the formation of healthier children who are prepared to deal with issues related to sexuality throughout their lives.

Keywords: Sex Education, Childhood, Family.

¹Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFIP, Campina Grande-PB. E-mail: analima@psicocg.fiponline.edu.br. <https://orcid.org/0009-0001-5864-4752>

² Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário – UNIFIP, Campina Grande-PB. E-mail: jaksonpsi@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2677-734X>

Introdução

Este estudo tem como objetivo explorar as concepções e orientações dos pais em relação à educação sexual na infância. Diante da escassez de pesquisas sobre a construção infantil da sexualidade, como apontado por Domingues (2024), este estudo busca compreender a perspectiva parental sobre o tema. Especificamente, investigando como os pais abordam a sexualidade com seus filhos, analisando suas concepções, preocupações e práticas educativas.

A educação sexual é um aspecto fundamental no desenvolvimento infantil, desempenhando um papel relevante na promoção de relacionamentos saudáveis, seguros e conscientes ao longo da vida. Compreende-se que ela deve ser abordada de forma planejada e sistemática, com o objetivo de fornecer informações essenciais para a saúde, o bem-estar e a formação integral e emancipatória do indivíduo. Além disso, a educação sexual visa estimular a consciência sobre a responsabilidade em relação ao próprio corpo e fomentar uma compreensão mais profunda tanto de si mesmo quanto dos outros (Cassiavillani e Albrecht, 2023).

Seguindo esse pensamento, a educação sexual está intrinsecamente ligada às questões da sexualidade, que englobam reprodução, afetos, gêneros sexuais, diferentes orientações sexuais e outros tópicos que despertam a curiosidade e o interesse das crianças desde a primeira infância. A sexualidade infantil, ainda cercada de dúvidas e tabus, é um tema que, segundo Fernandes e Martins (2023), deve ser abordado desde a infância para promover um desenvolvimento saudável.

Cassiavillani e Albrecht (2023) destacam que a narrativa da educação sexual ainda é pouco clara, especialmente quando se trata de crianças, devido a interpretações equivocadas sobre sua natureza. Com frequência, a sexualidade é reduzida ao ato sexual e ao desejo, gerando, em muitos pais e professores, uma resistência à abordagem do tema. Miranda e Campos (2022) reforçam que negar o acesso a informações sobre sexualidade na infância significa, inevitavelmente, prejudicar o desenvolvimento infantil.

Além disso, é fundamental considerar que as experiências da infância exercem grande influência sobre o desenvolvimento cognitivo, uma vez que as relações sociais moldam a percepção que a criança tem do mundo. A infância é também o período em que o cérebro humano apresenta maior plasticidade, sendo altamente moldável pelas experiências e estímulos do ambiente (Crespi, Noro e Nóbile, 2024).

Desse modo, a informação sobre educação sexual deve ser apresentada de forma adequada à idade e culturalmente sensível, promovendo o respeito à diversidade (Alves, Bitencourt e Biziak, 2022). É importante destacar que os avanços tecnológicos e científicos transformaram profundamente os costumes e tradições, impactando significativamente o desenvolvimento infantil. As crianças do século XXI, com acesso irrestrito às tecnologias digitais, vivenciam uma realidade completamente diferente daquela das gerações anteriores.

Conforme apontam Habowski e Ratto (2023), essa nova dinâmica gera preocupações, especialmente pela falta de mecanismos efetivos para regular o uso dessas tecnologias por crianças. Nesse contexto, a educação sexual deve ser promovida por meio de diálogos respeitosos e adequados à idade, buscando criar um ambiente seguro e propício para a construção de conhecimentos sobre sexualidade (Araújo *et al.*, 2023).

Fundamentação Teórica

Conforme Soares, Rufato e Rossetto (2021), a sexualidade infantil é um tema complexo e desafiador, especialmente no contexto atual de ampla exposição a conteúdos sexualizados. Os autores destacam que, nesse cenário, famílias e escolas enfrentam o desafio de orientar as crianças em um ambiente permeado pela precocidade da exposição a estímulos sexuais, principalmente veiculados pelos meios de comunicação, o que exige uma atenção especial às vulnerabilidades dessa fase do desenvolvimento.

De acordo com Cassiavillani e Albrecht (2023), a educação sexual ainda é pouco difundida nas escolas brasileiras, uma vez que ainda não há uma lei federal que garanta o ensino da educação sexual nas escolas. Quando abordada nas escolas, a educação sexual costuma se limitar à perspectiva biológica, ensinando aos alunos os processos fisiológicos relacionados aos órgãos genitais e, em alguns casos, abordando as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

A sexualidade, no entanto, transcende a mera compreensão biológica e profilática. Antoniassi Junior (2023) destaca que ela é um fenômeno complexo, influenciado por uma multiplicidade de fatores, que se entrelaçam para formar a identidade sexual de cada indivíduo. Envolve aspectos emocionais, psicológicos, sociais, culturais e espirituais, além de questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e preconceitos arraigados em diversas gerações.

Ao ingressar na escola, a criança já carrega consigo valores culturais transmitidos por sua família e comunidade. Esses valores, moldados por discursos religiosos,

mediáticos e literários, influenciam a construção da moral e da sexualidade do indivíduo (Lima *et al.*, 2019). Eles englobam crenças, normas, práticas, tradições e padrões de comportamento compartilhados por um grupo social.

A partir do momento em que a educação sexual deixa a esfera dos processos sócio-culturais e é transformada em objeto de ensino e orientação, com planejamento, organização, objetivos, temporalidade, metodologia e didática, faz-se necessária a preparação e capacitação para abordagem do tema, visando atuar nessa área. Na visão de Moura (2022), é importante oferecer informações claras e acessíveis a crianças e adolescentes, como forma de empoderá-los e protegê-los.

De acordo com o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (Brasil, 2023), foram registrados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes entre 2015 e 2021. Muitas vezes, as crianças e adolescentes vítimas de violência sexual dentro do ambiente familiar silenciam por medo, culpa ou dificuldade em expressar o sofrimento, devido aos laços afetivos com o agressor (Fiuza, 2024).

Contudo, o papel da família é fundamental nessa fase, pois além de proteger e cuidar da criança, contribui para o seu desenvolvimento cognitivo e, consequentemente, para a formação de sua concepção sobre sexualidade e diversidade, promovendo o respeito. Na visão de Leocadio, Alves e Lemos (2024), a família desempenha um papel de relevância na educação das novas gerações, sendo o primeiro ambiente onde as crianças recebem orientações e iniciam seu processo de socialização.

Para Queiroz *et al.* (2020), a família deve ser um espaço de reciprocidade, cuidado, aceitação e estabilidade. É fundamental que os adultos respondam às perguntas infantis de forma clara e objetiva, evitando mentiras ou informações incorretas. Este estudo busca justamente investigar se os pais estão desempenhando esse papel.

Metodologia

Este estudo qualitativo-descritivo teve como objetivo explorar as concepções e orientações dos pais em relação à educação sexual na infância. A abordagem qualitativa, conforme preconizado por Gil (2002), permite uma imersão profunda no universo dos participantes, possibilitando a compreensão de suas perspectivas e experiências de forma mais rica e detalhada.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com 9 mães e 1 pai, residentes na cidade de Belém, Pará, no mês de setembro de 2023. A amostragem por conveniência foi utilizada, considerando a

disponibilidade e o interesse dos participantes em compartilhar suas experiências (Gil, 2002).

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise. A análise dos dados seguiu uma abordagem temática, buscando identificar categorias e subcategorias que permitissem compreender as diferentes perspectivas dos participantes sobre como abordam temas relacionados à sexualidade com os seus filhos.

A seleção dos participantes seguiu os seguintes critérios de inclusão: ser o responsável legal por pelo menos uma criança com idade entre 4 e 12 anos, matriculada em alguma instituição de ensino, e residir fixamente na cidade de Belém/PB. Foram excluídos do estudo aqueles que não atendiam a esses critérios, como pais de crianças menores de 4 anos ou adolescentes, bem como aqueles que não residiam fixamente na cidade.

Para a coleta de dados, foram utilizados três instrumentos específicos. Inicialmente foi proposto um Formulário Sociodemográfico, este instrumento teve como objetivo traçar o perfil sociodemográfico dos participantes, coletando informações sobre idade, gênero, escolaridade, estado civil, profissão, renda familiar, religião e número de filhos. Além disso, foram incluídas questões sobre a escolaridade dos filhos e o contexto socioeconômico da família, a fim de identificar possíveis correlações com as percepções e práticas dos pais em relação à educação sexual.

Em seguida, os participantes contribuíram respondendo a uma Entrevista Semiestruturada, elaborada com base na revisão da literatura e nos objetivos da pesquisa, foi o principal instrumento de coleta de dados. O roteiro da entrevista abordou os seguintes temas: percepções sobre sexualidade; Como os pais abordam o tema da sexualidade com seus filhos? Quais são os principais conteúdos abordados e os métodos utilizados? Quais são as principais fontes de informação sobre sexualidade utilizadas pelos pais? Quais são as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos pais ao abordar o tema da sexualidade com seus filhos?

Ainda sobre os instrumentos, um diário de campo foi utilizado para registrar observações, reflexões e impressões durante o processo de coleta e análise dos dados. Essa ferramenta permitiu documentar aspectos não previstos no roteiro da entrevista, como a linguagem corporal dos participantes, o ambiente da entrevista e outros elementos contextuais relevantes.

As entrevistas realizadas com os participantes foram codificadas com a letra “S” seguida de um número sequencial, iniciando em 1 (S1, S2, S3, etc.), a fim de garantir a

identificação individual e confidencial dos participantes durante a análise dos dados. Essa codificação permitiu manter o anonimato dos sujeitos e assegurar o cumprimento dos princípios éticos da pesquisa.

Os participantes foram contatados previamente e agendadas as entrevistas em suas residências, em um ambiente familiar e seguro, visando proporcionar maior conforto e espontaneidade nas respostas. Durante o contato inicial, foram explicitadas as informações sobre a pesquisa, os objetivos do estudo, a garantia de anonimato e os direitos dos participantes, conforme previsto na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Os participantes da pesquisa foram aqueles que, voluntariamente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nesse documento, foram detalhados os objetivos do estudo, os procedimentos a serem adotados, os possíveis riscos e benefícios envolvidos, bem como a garantia de anonimato e confidencialidade das informações. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra para análise. A duração média das entrevistas foi de 35 minutos. Os participantes tiveram a liberdade de interromper sua participação a qualquer momento.

A análise dos dados foi conduzida a partir da perspectiva fenomenológica-empírica, uma abordagem que visa compreender a essência da experiência humana em relação a um determinado fenômeno. Conforme sugerem Espíndula e Goto (2019), este método parte de uma pergunta orientadora que direciona o pesquisador a descrever o fenômeno investigado a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, buscando assim compreender como este fenômeno se manifesta e se configura na experiência individual.

A pergunta orientadora que norteou a análise foi: "Como os pais vivenciam a educação sexual de seus filhos?". A partir dessa pergunta, foram realizadas as seguintes etapas de análise: leitura flutuante dos dados, identificação de unidades de significado, agrupamento em categorias e, por fim, a descrição da essência da experiência dos pais em relação à educação sexual.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Patos – UNIFIP, sob o parecer número CAAE: 73801123.0.0000.5181. Essa aprovação atesta que o projeto de pesquisa cumpre todas as exigências éticas e legais para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme as diretrizes da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os dados coletados foram armazenados de forma segura e confidencial.

Resultados e Discussão

A amostra do estudo é composta majoritariamente por mulheres (90%), com idades entre 22 e 44 anos. A baixa participação masculina, com muitos alegando que suas esposas seriam mais adequadas para responder sobre a educação dos filhos, reforça a persistência de papéis de gênero tradicionais. Essa constatação corrobora a análise de Barreto (2024), que aponta para a histórica atribuição do cuidado infantil à mulher, mesmo diante dos avanços sociais. O discurso normativo sobre os papéis de gênero continua a limitar a participação paterna na educação dos filhos, restringindo-a ao provimento e à autoridade.

Os dados da Tabela 1 indicam que (70%) dos entrevistados convivem com seus cônjuges e compartilham a responsabilidade de educar os filhos. Embora a divisão tradicional de tarefas domésticas por gênero ainda persista, a participação ativa dos pais na criação dos filhos é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Um estudo de Assis *et al.* (2023) corrobora essa afirmação, evidenciando que a presença paterna contribui significativamente para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da prole.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes.

Gênero	Quantidade	Frequência%
Mulher	9	90%
Homem	1	10%
Idade	Quantidade	Frequência%
22 a 30	5	50%
31 a 44	5	50%
Renda Familiar	Quantidade	Frequência %
Menos de 1 salário mínimo	3	30%
1 salário mínimo	6	60%
Mais de 2 salários mínimos	1	10%
Estado Civil	Quantidade	Frequência %
Solteira (o)	3	30%
União Estável	3	30%
Casada (o)	4	40%
Religião	Quantidade	Frequência %
Católica (o)	4	40%
Evangélica (o)	3	30%
Sem Religião	3	30%
Escolaridade	Quantidade	Frequência%
Ensino Fundamental Incompleto	4	40%
Ensino Médio Incompleto	1	10%
Ensino Médio Completo	4	40%
Ensino Superior Completo	1	10%

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que tange à renda familiar, observa-se que a maioria dos participantes recebe ao menos um salário mínimo (60%); todavia, uma parcela (30%) informou receber auxílios governamentais e somente uma pessoa (10%) alegou possuir uma renda maior que dois salários mínimos. Em relação à escolaridade, nota-se que uma parte dos participantes (40%) não concluiu o ensino fundamental, enquanto outra divisão (50%) concluiu o ensino médio e um entrevistado (10%) possui graduação completa. Observa-se, assim, que a maior parte dos sujeitos apresentam escolarização.

O estudo de Feijó, França e Neto (2022) evidencia que a escolaridade dos pais exerce uma influência duradoura e multifacetada no desempenho escolar dos filhos, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais. Pais com maior nível de escolaridade tendem a oferecer aos seus filhos um ambiente mais estimulante para o aprendizado, recursos educacionais mais adequados e expectativas mais elevadas em relação à educação. Consequentemente, esses filhos apresentam, em média, melhor desempenho acadêmico.

A maioria dos participantes (70%) declarou-se cristã, seja católica ou protestante. Outros (30%) não se identificaram com nenhuma religião. Essa predominância da religião cristã é relevante, considerando que, segundo Souza e Gagliotto (2023), a história da sexualidade no cristianismo é marcada por tentativas de controlar e normatizar a sexualidade dos fiéis. A Igreja, ao longo dos séculos, exerceu um papel central na definição dos comportamentos sexuais aceitáveis e desejáveis, o que pode ter influenciado as concepções sobre educação sexual ainda hoje. Essa influência histórica pode manifestar-se na repressão de temas como diversidade sexual, respeito corporal, violência sexual e saúde sexual, tanto no âmbito escolar quanto familiar.

Concepções parentais em relação à educação sexual

A análise dos dados revelou uma diversidade de conhecimentos sobre educação sexual entre os pais participantes. Alguns demonstraram compreensão sobre o tema e a importância de dialogar abertamente com os filhos, reconhecendo o fácil acesso a informações e a necessidade de orientação desde a infância, como se pode perceber nos relatos a seguir:

Eu entendo que a educação sexual é uma maneira de informar as crianças e os adolescentes sobre questões sobre a sexualidade. Hoje em

dia tudo está muito escancarado e acessível, eles já sabem muitas coisas. [S2]

Sim, por mais que não tenha sido algo aprofundado em nenhum lugar, a educação sexual é uma área que ajuda a entender o corpo, ajuda a diferenciar os vários sentidos do toque. [S9]

Essa abordagem proativa sinaliza uma compreensão mais abrangente da educação sexual, ultrapassando a simples prevenção de riscos. Ela enfatiza a promoção de relações saudáveis e o desenvolvimento da consciência emocional. A sexualidade, um conceito multifacetado, é moldada por diversos fatores, incluindo aspectos culturais, sociais e relacionais. Conforme apontam Dainez, Smolka e Souza (2022), a abordagem sociocultural destaca a influência do contexto social na construção da identidade sexual e nas expressões da sexualidade.

Outros participantes vinculam educação sexual principalmente à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), demonstrando uma perspectiva centrada na saúde física.

Eu acredito que a educação sexual esteja relacionada às orientações aos cuidados de prevenção de doenças transmissíveis sexualmente. [S1]

A educação sexual assume um papel fundamental ao abordar de forma abrangente temas como sexualidade, gênero, identidade e orientação sexual. Ao discutir questões relevantes como doenças sexualmente transmissíveis e violência sexual, essa prática educativa promove a reflexão crítica sobre o contexto social atual, fomentando o respeito ao corpo próprio e alheio, conforme destacado por Rios e Faria (2023).

Paralelamente, muitos defendem que a educação sexual deve ir além da prevenção de abusos e violência, abrangendo também aspectos emocionais e de segurança, promovendo assim um desenvolvimento integral da pessoa:

Eu já ouvi falar, bem superficialmente. Mas acho que seja ensinar aos nossos filhos, que desconhecidos não podem tocar em suas partes íntimas e sempre que alguém fizer algo, dar o apoio para eles nos dizerem, para nós que somos mãe e pai. [S3]

Por outro lado, parte dos participantes demonstra desconhecimento ou dificuldade em abordar o tema da educação sexual, revelando lacunas significativas nesse âmbito familiar. Essa diversidade de conhecimentos e perspectivas evidencia a complexidade da temática e a necessidade de estratégias educativas que atendam às diferentes demandas, promovendo uma compreensão mais abrangente e informada entre os pais e mães:

Sim, mas não sei explicar direito. [S5]

Nunca ouvi falar sobre esse assunto, mas acho que tenha haver com alertar os filhos sobre os perigos do mundo que envolvem essa questão sexual. [S8]

Diante desse cenário, compreende-se a relevância de abordar os temas relacionados à sexualidade na infância. A ausência de conhecimento sobre essas questões pode trazer prejuízos ao desenvolvimento infantil, como apontam Mello *et al.* (2024). A compreensão precoce desses temas contribui não apenas para a formação de uma consciência sexual saudável, mas também para o desenvolvimento de valores fundamentais como o respeito mútuo e a compreensão do consentimento, essenciais para a construção de relações saudáveis e seguras ao longo da vida.

Um ponto relevante levantado por uma das mães participantes é o acesso irrestrito das crianças e adolescentes aos meios digitais. De acordo com pesquisa realizada por Rodrigues (2023), houve um aumento alarmante de 70% nos casos de exploração sexual infantil nos primeiros meses daquele ano, evidenciando a necessidade de maior atenção dos pais em relação ao conteúdo a que seus filhos são expostos na internet. Uma participante comenta:

Meus meninos não são muito de perguntar, mas eles têm celulares e no celular a gente pode encontrar de tudo. E eu falo para eles: saibam usar ele ao seu favor. [S1]

A ausência de discussões sobre sexualidade, evidenciada neste comentário, revela uma lacuna importante na formação infantil. Segundo Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre por meio da interação social e da internalização de conhecimentos e valores. Ao explorar diferentes perspectivas sobre um tema, a criança constrói sua própria compreensão do mundo (Pernambuco, 1992). Nesse contexto, é fundamental que as crianças recebam orientação adequada para um uso seguro e consciente dos meios digitais.

É fundamental promover um diálogo aberto e contínuo entre pais e filhos sobre o uso da internet. Políticas públicas devem fornecer informações e recursos para que os pais se sintam seguros em abordar temas relacionados ao mundo virtual, permitindo que expressem suas dúvidas e preocupações. Dessa forma, os pais podem orientar seus filhos sobre os riscos online e como se proteger, prevenindo situações perigosas.

Orientações e diálogos parentais sobre a educação sexual

A análise das respostas sobre a comunicação sobre sexualidade revelou que (80%) dos participantes afirmaram conversar com seus filhos sobre o assunto, indicando relativa facilidade nesse diálogo. No entanto, uma parcela significativa dos participantes admitiu não abordar o tema, alegando dificuldades. A seguir, apresenta-se um dos comentários:

Sempre falei. E sempre falo para eles escutarem o que eu digo, sabe o porquê? Porque quando os filhos não escutam seus pais, eles aprendem na rua, muitas vezes de uma maneira ruim. Eu mesma, não tenho vergonha. Acredito que eu falo da forma certa, como deve ser falada. [S1]

A pesquisa indicou que os pais possuem diferentes abordagens sobre a sexualidade, mas demonstram interesse em dialogar sobre o tema. É fundamental que esses diálogos sejam construtivos, com explicações claras e precisas, para que as crianças possam compreender os conceitos de forma completa. Para Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal descreve essa relação entre o aprendiz e o indivíduo mais experiente, onde a criança, ao internalizar novos conhecimentos e habilidades, expande seus limites cognitivos (Vygotsky, 1998).

Contudo existem mães e pais que ainda não sabem ou não se sentem à vontade para falar com seus filhos sobre a educação sexual. Como podemos observar nos relatos dados pelas mães e pais:

Não tenho facilidade para falar sobre essas coisas, mas vou se precisar falar. [S5]

Eu sinto dificuldade. [S8]

Eu falo pouca coisa, nada ao pé da letra, normal, do meu jeitinho, mas consigo falar. [S6]

Lima (2023) ressalta a importância da interação social e da comunicação para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, argumentando que a aprendizagem se constrói por meio das relações sociais. Os pais, nesse contexto, desempenham um papel fundamental, pois ao estabelecer um diálogo aberto com os filhos, oferecem oportunidades para a exploração, o questionamento e o desenvolvimento do pensamento crítico, contribuindo assim para a construção do conhecimento.

As entrevistas revelaram relatos de experiências traumáticas na infância das participantes, relacionadas à sexualidade. Corroborando os achados de Nunes, Kanan e

Dresch (2024), observou-se que pais com visões mais conservadoras tendiam a evitar conversas sobre sexualidade. Temas como identidade de gênero, diversas formas de expressão sexual e a natural curiosidade infantil sobre o corpo e o sexo eram frequentemente considerados tabus e reprimidos, como observado nos discursos apresentados a seguir:

Não, não. Não falava com meus pais sobre isso. Se eu perguntasse aos meus pais era muito provável que eu levasse uma surra. [S3]

Nunca tive muitas informações e as que tinha eram cheias de preconceitos e mentiras. [S9]

Eu tinha curiosidade, mas não perguntava nada. Minha mãe era exigente, uma vez peguei uma boneca e um boneco e disse: E eles foram felizes para sempre em sua noite de núpcias e minha mãe me bateu. [S5]

Essa visão limitada contribuía para um ambiente de julgamento e discriminação, prejudicando o desenvolvimento emocional e psicológico das pessoas. É fundamental que essas narrativas sejam consideradas, para que pais e responsáveis estabeleçam um diálogo aberto e acolhedor com as crianças, proporcionando um espaço seguro para que elas compartilhem qualquer experiência, sem medo de julgamentos.

Observou-se que muitos dos pais entrevistados evitavam abordar temas como órgãos genitais, prevenção de abusos, menstruação e denúncias de assédio, alegando que se tratava de um tabu. Essa falta de diálogo e apoio pode causar diversos danos às crianças, como os que serão detalhados a seguir:

Eu já passei por alguns assédios quando era criança. Mas não procurei ninguém, eu sentia que minha mãe não se importava. [S7]

Passei por três assediadores, tentei falar a minha família, mas não acreditaram em mim, então voltou a acontecer várias vezes. [S9]

É fundamental que as denúncias de assédio sejam levadas a sério. Como apontam Ferreira *et al.* (2024), muitos pais enfrentam dificuldades em abordar abertamente temas relacionados à sexualidade com seus filhos. É essencial conscientizar os pais sobre os riscos que as crianças podem enfrentar e a importância de um diálogo aberto sobre sexualidade. A falta de conhecimento ou a resistência em conversar sobre esses assuntos pode silenciar as crianças, impedindo-as de relatar experiências de assédio ou abuso.

Considerações finais

Este estudo evidencia a importância de que os pais estejam atentos aos comportamentos e crenças relacionados à educação sexual, que são transmitidos de geração em geração. Observa-se um avanço significativo no entendimento da importância de abordar o tema da sexualidade abertamente com os filhos, com a participação positiva de muitos pais e mães. No entanto, tabus e dificuldades de comunicação ainda impedem um diálogo mais fluído. É fundamental identificar e combater os preconceitos que dificultam uma educação sexual inclusiva e livre de discriminação no ambiente familiar.

Além disso, a educação sexual infantil é um campo que ainda demanda muitas pesquisas. O presente estudo, apesar de seus avanços, teve como limitação o baixo número de participantes. Para aprofundar o conhecimento sobre o tema, sugere-se a realização de novas pesquisas com amostras maiores e a exploração de diferentes abordagens metodológicas. Dessa forma, será possível construir uma narrativa mais completa e abrangente sobre a educação sexual infantil.

Os avanços já observados demonstram a possibilidade de uma educação sexual mais abrangente e livre de preconceitos. No entanto, ainda é preciso intensificar os esforços para estimular os responsáveis pela educação infantil a abordarem o tema de forma mais aberta e natural, visando garantir uma formação integral às crianças.

Referências

- ALVES, M. H. C.; BITENCOURT, G. D. S.; BIZIAK, J. D. S. A importância da discussão de gênero e sexualidade no âmbito escolar. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2022.
- ANTONIASSI JUNIOR, G. Vamos dialogar? A sexualidade desconhecida e encoberta. **Altus Ciência**, v. 17, n. 17, p. 49-60, 2023.
- ARAÚJO, I.; NEVES JUNIOR, I. B.; SANTOS, L. F.; MACIEL, E. D. S. **Educação sexual: o papel da família**. Palmas: Uft/Proex/Ppgecs, 2023.
- ASSIS, L. F. A.; MOÇO, C. M. N.; RESGALA JUNIOR, R. M.; SANTOS, M. Fernandes Ramos dos. Guarda compartilhada: uma medida que visa conciliar a responsabilidade parental e o bem-estar da criança. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 280–292, 2023.
- BARRETO, J. A. A identidade e o imaginário da mulher na mídia: análise discursiva da matéria Ser Mulher é. **Revista Crátulo**, v. 17, n.1, P. 13-25, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico do ministério da saúde, Volume 54: **Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021**. Secretaria de vigilância em saúde e ambiente. Brasília/DF, 2023.

CASSIAVILLANI, T. P.; ALBRECHT, M. P. S. Educação sexual: Uma análise sobre legislação e documentos oficiais brasileiros em diferentes contextos políticos. **Educação em Revista**, v. 39, n. e39794, p. 1-23, 2023.

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. Políticas públicas para a primeira infância: fundamentos para a valorização do desenvolvimento neurobiológico infantil. **Educação Online**, v. 18, n. 42, p. e231808, 2023.

DAINEZ, D.; SMOLKA, A. L. B.; SOUZA, F. F. D. A dimensão constitutiva do meio: implicações políticas e práticas em educação especial. **Educação & Sociedade**, v. 43, n. e256418, p. 1-17, 2022.

DOMINGUES, J. Desvendando as infâncias trans: um estado do conhecimento das dissertações brasileiras, 2007-2022. **COR LGBTQIA+**, v. 1, n. 6, p. 10–22, 2024.
ESPÍNDULA, J. A. G.; GOTO, T. **Algumas reflexões sobre a fenomenologia e método fenomenológico nas pesquisas em psicologia**. Boa Vista: Editora da UFPR, 2019.

FEIJÓ, J. R.; FRANÇA, J. M. S. D.; PINHO NETO, V. R. D. Desempenho dos estudantes ao final do ensino médio: Mensurando a influência direta e indireta da educação dos pais. **Revista Brasileira de Economia**, v. 76, n. 1, p. 30-56, 2022.

FERREIRA, E. H. M.; SANTOS, S. P.; FILHO, G. C. M. F.; OLIVEIRA, J. L. S.; ARARUNA, L. A. A.; AMORIM, B. M. O. Saúde mental e sexualidades: tecendo diálogos no contexto escolar. **Caderno Impacto em Extensão**, v. 5, n. 2, p. 1.5, 2024.

FERANDEZ, C. B.; MARTINS, E. E. S. Gênero, sexualidade e infância: produção acadêmica em debate. **Argum.**, v. 15, n. 1, p. 140-159, 2023.

FIUZA, M. L. **Filhos do medo**. Ponta Grossa: Aya, 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HABOWSKI, A. C.; RATTO, C. Cuidado! As crianças estão em risco: a periculosidade no brincar digital. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 16, n. 35, p. e18880, 2023.

LEOCADIO, A. S. A.; ALVES, H.; DE LEMOS, D. I. M. Valores familiares e formação de caráter: impactos no processo de ensino-aprendizagem. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 1, p. 1902–1919, 2024.

LIMA, J. L. D. M.; GOI, M. E. J.; HARTMANN, M.; MARTINS, M. A. R. Teoria sócio histórica de Vygotsky e suas implicações na aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 25089-25098, 2019.

LIMA, N. S. R. **Interação social e desenvolvimento infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2023.

MELLO, E. A.; ALMEIDA, E. F.; MÉDICI, M. S.; CADONÁ, E. O silenciamento da educação para a sexualidade na base nacional comum curricular. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 7, p. e5659, 2024.

MIRANDA, J. C.; CAMPOS, I. C. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 12, n. 34, p. 108-126, 2022.

MOURA, A. M. P. D. C. **Educação sexual como medida de prevenção e enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes: a experiência da Instituição Casa de Zabelê**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

NUNES, R. B.; KANAN, L. A.; DRESCH, J. F.. Percepção de professores a respeito das práticas pedagógicas em educação sexual no espaço escolar. **Revista Práxis Educacional**, v. 20, n. 51, e14938, 2024.

PERNAMBUCO, M. M. A. C. A formação social da mente de LS Vygotsky. **Revista Educação em Questão**, v. 4, n. 1/2, p. 183-187, 1992.

QUEIROZ, B. T. S.; MILBRADT, C.; SOARES, D. D. S.; SERPA, D.; GOTTSCHALCK, D. R. S.; MARTINS, E. B.; PEREIRA, Z. T. G. **Crianças e tecnologias: influências, contradições e possibilidades formativas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

RIOS, M. V.; FARIA, A. A história da liga de sexualidade (LIS/UFTM-2010-2020). **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2023.

RODRIGUES, R. M. **Tertúlias Dialógicas Pedagógicas na formação docente: prevenção de violência sexual contra crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

SOARES, N. M.; RUFATO, F. D.; ROSSETTO, E. Sexualidade infantil no contexto escolar: um desafio aos educadores. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. 1-12, 2021.

SOUZA, A.; GAGLIOTTO, G. M. A construção histórica da sexualidade: porque ela ainda é um tabu?. **EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR**, v. 23, n. 2, p. 547-559, 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Submissão: 23/04/2024. Aprovação: 21/10/2024. Publicação: 25/04/2025.